



O potencial significativo da música Pentatônica.

*Esp. Francini Karina de Oliveira Mendonça
pauloefran@uol.com.br*

Resumo: Pesquisa bibliográfica sobre o uso da escala pentatônica no universo musical educacional de nosso tempo, e sua influência no processo de aprendizagem de crianças na faixa etária de 04 à 06 anos como interpretantes emotivos, fazendo uma tentativa de aproximação com a primeiridade peirceana. Será abordado mais precisamente as obras e composições feitas por Flávia Betti, para as escolas Waldorf de origem com Rudolf Steiner, fazendo uma análise da música pentatônica, utilizando-se da semiótica peirceana em sua primeiridade, no diálogo neste estilo musical.

Palavras-chave: Música Pentatônica, processo terapêutico, interpretantes, crianças, escola.

1. Percorrendo o enigma dos cinco sons no processo de aprendizagem: Que tipo de interpretante a música pentatônica tende a provocar em crianças na faixa etária de 04 a 06 anos?

Buscando os tipos interpretantes, diante do potencial significativo das escalas pentatônicas e do percurso destes cinco sons no processo de aprendizagem em crianças na faixa etária de 04 a 06 anos, vemos que o trabalho atual realizado para esta faixa etária, aonde o processo de desenvolvimento humano, vem causando uma aceleração em todo processo de desenvolvimento anímico e estrutural destas crianças. Que nesta fase podemos dizer que vivem dentro do ritmo. Elas são puro ritmo.

Segundo Carolina von Heydebrand, “Até mesmo depois do nascimento, a criança pequena ainda esta completamente à mercê de sua formação física. Dizemos que “ela esta crescendo”. Ela esta mergulhada em processo urdidores, construtores, plasmadores das forças formativas” (HEYDEBRAND, Carolina von “A natureza anímica da criança” 2009:15)

Diante da citação acima vemos então que quando este ritmo é acelerado transcorrem vários transtornos, sendo estes físicos e emocionais que num futuro breve aparecem como apatia, baixa autoestima, ausência de valores, tristeza, ansiedade entre outros. “A concepção estimula a atividade de forças celestes e terrenas; e a natureza anímico-espiritual da própria criança, aquilo que se revelará mais tarde como seu dom especial, sua genialidade, talvez, também isso colabora na edificação do corpo.” (HEYDEBRAND, Carolina von “A natureza anímica da criança” 2009:14)

Sendo assim como educadora musical atuante a mais de quinze anos estamos buscando, analisando, estudando o que fazer e como fazer para um bom desenvolvimento neste período, no qual está passando pelo processo de alfabetização,



assim verificando que é necessário que seja respeitado o tempo certo de cada fase ou proporcionar ainda elementos que de forma causem um breque uma pausa, uma desaceleração, desta loucura do mundo atual. Percorrendo assim o enigma dos cinco sons, pude perceber e oferecer o que considero a principal nesta pesquisa a música pentatônica, criando se o ambiente musical pentatônico de quintas. A música pentatônica é aquela que possui intervalos musicais inteiros que são utilizadas dentro das escolas Waldorf. Segundo Rudolf Steiner,

– “A Pedagogia Waldorf é uma pedagogia que tem como ponto de partida o conhecimento da criança e de seu desenvolvimento em diversos aspectos. Enfoca o ser humano como ente físico, anímico e espiritual. Embasada na concepção de ser humano e mundo desenvolvida pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925), essa pedagogia tem como objetivo o cultivo das potencialidades individuais. Leva em consideração a diversidade cultural e se compromete com princípios éticos humanos amplos e gerais.”
(Escola Waldorf Rudolf Steiner – 2014
[http://www.ewrs.com.br/index.php/pedagogia-waldorf.](http://www.ewrs.com.br/index.php/pedagogia-waldorf))

Vivenciando isso por mais de sete anos, decidimos ser o veículo em outras escolas, proporcionar esta ferramenta, pois com a música pentatônica, podemos resgatar esta intimidade sonora existente na criança e proporcionar um ambiente saudável e até terapêutico mesmo sendo este, uma vez na semana. Vamos conhecer um pouco mais desta escala musical.

2. A Escala Pentatônica

Sobre a origem propriamente da pentatônica, as opiniões são contraditórias, algumas afirmações indicam que, “foram os chineses os primeiros a examinar a relação entre quintas, e assim estabelecer a escala Pentatônica (de cinco tons), sendo que os documentos que comprovam esta descoberta datam de 300 a.C.”(Yehudi Menuhin e Davis,1990:29). Com base nesta citação iremos utilizar bem a pentatônica da antiga china por toda sua terapêutica numa relação com o macrocosmo e as quatro estações.





Figura 1: Musique – ando. blogspot.

Quando tratamos do vocabulário “pentatônica” temos várias definições.

“Tradicionalmente, pentatônica, é o um termo aplicado a qualquer música, modo ou sistema baseado em cinco sons diferentes dentro de uma oitava. Muitas melodias tradicionais europeias são sem semitons. Os intervalos da escala pentatônica consistem de diferentes combinações de intervalos de segundas maiores e terças menores. (Exemplo. A-C-D-E-G. C-D-E-G-A etc). Um estudo mundial dos sistemas pentatônicos pode mostrar que a oitava pode ser dividida de várias maneiras diferentes (incluindo pentatônicas com semitons)”. (The New Grove Dictionary of Music e Musicans, 1980:353)

Que tipo de música se produzia (ou se produz) com esta escala (música modal ou tonal)?

De que modo se dá o processo terapêutico com esta escala na aprendizagem?

Diante destas questões vamos adentrar a matriz sonora e poder assim aprofundar o conhecimento, na análise da matriz sonora e suas modalidades onde Santaella destaca que,

“A música é o único tipo de manifestação sîgnica que pode se apresentar predominantemente como mera qualidade monádica, simples imediatividade qualitativa, presença pura, movente e fugidia, tão pura que chega a permitir sua liberdade de qualquer comparação com algo que lhe seja semelhante, de qualquer discriminação daquilo que lhe dá corpo, de qualquer Intelecção da lei ou regras que nela se atualizam.” (2001 -cap. IV: 105). (Autor, 2001, 105)

Sendo a música uma manifestação sîgnica, de qualquer regras que nela se atualizam, em suma, há ritmos sonoros que apresentam correspondência com os ritmos biológicos que acompanham diferentes estados do sentir, sobre esse estado a atuação da escala pentatônica nos mostra a atuação das crianças como interpretantes. Com isso o caminho a seguir é o da música pentatônica na qual iremos pesquisar, está baseada nesta escala que vai de D (ré)– E(mi) – G(sol) – A(lá) – B(si). Uma escala pentatônica no tom de D (ré) e de como por meio desta se dá o processo terapêutico. Segundo Marcelo Petraglia.

“Uma 5ª é a expressão sonora da relação 3:2, ou seja, o tom mais grave vibra duas vezes enquanto o mais agudo vibra 3 no mesmo período de tempo. Poderia ser, também, 300:200 ou 120:80, o que importa é a relação”. (Marcelo S. Petraglia, A música e a relação com o ser humano. Sistemas Tonais – pag.74 e 75.)



Porém diante desta citação, temos um impulso chamado cíclico, que tem por princípio a ordenação das leis tonais a partir de um intervalo de matriz, ou seja, algo que vibra em uma sintonia, tal como nossa espiral de desenvolvimento, proporcionando uma relação como o todo.

Segundo Flávia Betti,

“As escalas pentatônicas eram muito usadas na antiga China, quando o estado de consciência da humanidade lhe permitia ainda ter acesso ao mundo espiritual. Não havia ainda uma separação tão grande do mundo físico e do mundo espiritual como nos dias de hoje.” (BETTI;Flávia, 200:22)

Vamos a seguir entender um pouco deste universo na Antiga China e assim trazer uma relação terapêutica como a música pentatônica.

3. A Música na Antiga China

Segundo Randall McClellan,

“Enquanto os teóricos ocidentais gastavam grandes quantidades de energia, tempo e papel em interpretação literal da harmonia das esferas, seja calculando os intervalos exatos, seja “provado” a sua existência, as civilizações do Oriente contentavam-se com conceito metafísico. Encontramos as palavras a seguir em *The inner chapters*(Os capítulos interiores), de Chusng –tsu (c.400 a.C.), discípulos de Lao-tse, o primeiro escritor do taoísmo. (MCCLELLAN;Randall, 1994: 133)

Na antiga China a música era vista como a imagem da ordem do universo. O Yueh – chi, fonte original de prática musical chinesa, declara que a música é a harmonia do céu e da terra e pertencem aos domínios espirituais superiores. Os primeiros sábios compunham música de modo que correspondes se ao céu, tanto filosófica como efetivamente. Do casamento entre esses dois aspectos foram criadas todas as coisas entre o céu e a terra. YANG é o céu – masculino, luz, calor e números ímpares; YIN é a terra – Feminina, treva, frio e números pares, A natureza cíclica do universo e a interação de YANG/YIN são à base da teoria musical chinesa.

Escritos sobre teoria musical são encontrados com grande frequência em escritos sobre o calendário, astrologia e topologia.

Já no século III a. C., um sistema que relacionava os sons musicais à ordem do universo foi elaborado, assim como já havia sido concebida uma teoria segundo a qual as notas da escala musical chinesa podiam ser derivadas a partir de um apito de



diapasão fundamental mediante simples cálculo aritmético, afinado a música com várias forças universais. Ao longo de toda a história chinesa, uma das primeiras ordens do novo imperador era convocar seus músicos e astrólogos para colaborar na recalculação do comprimento dos apitos de diapasão imperiais, para garantir que toda a música tocada durante o seu reinado estivesse em harmonia com os elementos da natureza, com a terra e com os céus, assegurado, portanto, paz e harmonia para todo império. Nesse contexto, considerava-se que um único som tinha o poder de influenciar outras para o bem ou para o mal.

“Na numerologia chinesa tradicional, o número dois e a terra (YIN) e três é o projeções sucessivas da razão de 2:3, produzindo uma série de quintas perfeitas, sendo cinco o número do céu e da terra, porque combina YANG e YIN.” (McClellan, Randall - O poder terapêutico da musica, 1994 cap.9:134, 135.)

4. A Prática Musical e Terapêutica

Nesse mesmo âmbito terapêutico a ex-professora Waldorf de música, regente de corais, musicoterapeuta e cantoterapeuta Meca Vargas, em seu artigo “Trimembração dos Instrumentos Musicais” afirma que tanto as Liras, Harpas e Kânteles têm a capacidade de formar um envoltório de ressonância, o qual se manifesta da periferia para o centro e faz a indicação para crianças no desenvolvimento anímico (pensar, sentir e querer) e adultos debilitados na sua vitalidade.

“Em relação ao Kanakle (como era chamado o Kântele antigamente) é um instrumento de cordas típico da região da Lituânia e da Finlândia e está profundamente enraizado nos hábitos culturais do povo. Os povos antigos tinham o instrumento como presente dos planos espirituais e os sons como alimento para o sustento aqui na terra. Cantavam seus feitos, alegrias e tristezas ainda como que em sonho.” (BETTI;Flávia ,Cantarolã , 2009:6,7)

A relação da música e Antroposofia aparecem em obras de Rudolf Steiner quanto à importância da música do ponto de vista artístico, pedagógico e terapêutico, fundamentados através de médicos e terapeutas com orientação antroposófica.

Em Machado (2010),

“Tem-se explorado sobre a aplicação do instrumento à pedagogia Waldorf, falam sobre o ensino com enfoque nos sistemas rítmico- respiratório, neurossensorial e metabólico-motor, sendo o primeiro ligado ao sentir, o segundo ao pensar e o último ao querer. Para cada idade os elementos musicais são inseridos especificamente, iniciando pelo ritmo (0 aos 07 anos), melodia (07 aos 14 anos) e harmonia (14 aos 21 anos)”. (MACHADO; Marina, 2010, acesso em 18/03/2012, Artigo – [www.ouvirativo.com.br/mp7/pdf/txam_marina .pdf](http://www.ouvirativo.com.br/mp7/pdf/txam_marina.pdf))



Com toda abordagem acima em busca de criar um caminho, algo novo no espaço escolar, que proporcionasse as pessoas um trabalhar, onde se confrontar com seus limites, mas também afirmar sua individualidade. Assim através do auxílio artístico, neste caso a música pentatônica na qual estamos abordando, encaminha-se para a superação de si mesma numa reflexão constante. Dentre todas as terapias, concentra-se ao conteúdo da musicoterapia, que tem o objetivo de propiciar ao indivíduo uma terapia não verbal, que possibilite uma nova forma de expressão artística e humana, que permita o encontro consigo mesmo e com o social. A Musicoterapia propicia o desenvolvimento da sensibilização, da autodescoberta e do autoconhecimento, fornecendo elementos terapêuticos para uma melhor socialização do indivíduo.

Vamos considerar que a partir dos sons e dos instrumentos, as sensações diversas de determinadas regiões anatômicas são provocadas: instrumentos de sopro e as tonalidades agudas agem principalmente na parte superior do corpo, enquanto os instrumentos de percussão e os tons graves exercem influência especialmente na parte inferior. Aponta que é a única arte que não retrata a natureza, não está na natureza, tal como a conhecemos com os cinco sentidos. Por tudo isso, a música não passa pela razão, indo direto para o nosso inconsciente e agindo no mais profundo nível do ser humano. A música atua terapeuticamente, do inconsciente para o consciente. Essa é a grande força da música que possibilita a criança a conquistar uma linguagem diferenciada da verbal, gestual, gráfica e visual.

Temos assim uma relação dos elementos da música com o ser humano, quando uma criança com falhas em sua comunicação social facilmente aprende a se relacionar com o outro por meio do ritmo e da melodia porque tem que aprender a respeitar o ritmo do outro, tem que esperar sua vez de cantar e aguardar sua forma de expressão.

A música desenvolve capacidades latentes, transforma a forma de lidar com o outro, torna o indivíduo mais sociável e mais constante em suas relações afetivas. E todas essas mudanças auxiliam o caminho do indivíduo em busca da cura, que já existem dentro dele mesmo, individualidade. E através do auxílio artístico encaminha-se para a superação de si mesma.



Nas escolas Waldorf a primeira infância é preenchida pelo musical por sua essência, ou seja, a música permeia toda a rotina da escola da criança através da roda rítmica, versos, histórias e canções diariamente. A criança dos quatro aos sete anos encontra-se numa fase que, segundo Sandra Machado, educadora musical, em sua monografia:

“Correspondente ao início da evolução da Humanidade onde os homens tinham uma ligação com o mundo espiritual e o canto e a fala ainda não eram diferenciados”. É nesta fase que o Kântele acompanha canções e histórias com a professora. Sendo assim o Kântele um instrumento de madeira atentam aos cuidados à umidade, exposição ao sol, pó, tensão e troca das cordas e lubrificação da madeira são itens que as autoras, chamam a atenção para maior durabilidade do som e do instrumento em si.” (MACHADO; Sandra “Canta Kântele: um passeio pelo mundo do Kântele”, (2009).

Tanto no artigo de Machado (2009), quanto nas apostilas didáticas de Betina Schmitd e Flávia Betti (2009), ambas educadoras musicais no ambiente antroposófico, ressaltam aspectos históricos sobre o instrumento, didática aplicada nas Escolas Waldorf, afinação, cuidados com o instrumento, e colaborações consideradas terapêuticas.

Afinado na escala pentatônica: ré, mi, sol, lá, si, ou seja a pentatônica em tom ré, o Kântele pode ser também afinado intervalos musicais de quintas e oitavas puras. Considera-se o intervalo musical de quinta importante para a criança de zero a sete anos.

Betti comenta que,

“Toda vez que cantamos sintonizamos nossa alma e vibramos numa relação numérica extremamente exata. Esse âmbito objetivo pertence ao âmbito espiritual, onde estão as leis que regem o ser humano e o mundo”, e exemplifica que com o intervalo musical de “quinta (Ré – Lá) nos colocamos na lei $3\sqrt{2}$, ou seja, uma nota vibra 300 vezes por segundo enquanto que a outra vibra 200 vezes por segundo” (p. 22). Trata-se da afinação dos tons sendo o resultado de uma lei numérica, número é qualidade “No pulmão tem três lóbulos do lado direito e dois do lado esquerdo; é a relação do $3\sqrt{2}$ – é a quinta. Encontra-se essa relação no pulmão $3\sqrt{2}$ ”. (p.23). Ou seja, a partir do intervalo musical de quinta, o processo que se cria é harmônico na respiração humana. Dirige-se uma ênfase à criança, na qual o pulmão ainda não esta formado, e que, através da música, no âmbito do intervalo musical de quinta, fortalece o desenvolvimento sadio desse órgão.” (BETTI; Flávia, 2009:22,23)

Com a vivência do Kântele e da melodia pentatônica, nessa idade as crianças desenvolvem: ouvir com atenção, concentração, veneração, ritmo, afinação, noções de tempo e espaço por que após está fase, deverão ser encaminhadas para o



primeiro ano. Desta forma, dá-se a importância dos valores e capacidades citados, e que sejam levados à criança apenas através da vivência musical dos sentidos e valorização do sentido do tato e a nossa capacidade de amar, ainda inconscientes, onde se diferencia a “didática” da educação musical dentro de um processo terapêutico, cuidados esses relacionados com o desenvolvimento do Pensar – Sentir – Querer. Santella cita que a “A música é um campo privilegiado para a exemplificação das tríades perspectivas”.(Santaella, cap IV. 2001:108).

Assim a figura abaixo estará explanando como ocorre este desenvolvimento.

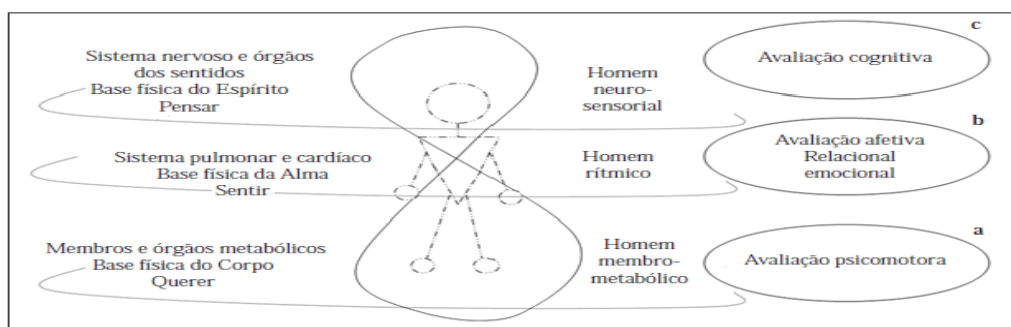


Figura 1 – A imagem tríplice da avaliação das aprendizagens. Fonte: Diário de campo do pesquisador.

Figura 2: Revista gaúcha de Enfermagem. www.scielo.br-629x354. Pesquisa por Imagem..

Apresentamos assim a figura de Randall com a escala e suas relações com os planetas e tudo que envolve o nosso desenvolvimento nele.

Significados extramusicais foram atribuídos à escala de cinco notas resultante:

Nota:	ré	mi	fá#	lá	si
Elemento:	terra	metal	madeira	fogo	água
Nome:	Kung	Shang	Chio	Chih	Yü
Estação:	centro *	outono	primavera	verão	inverno
Direção:	Centro	Oeste	Leste	Sul	Norte

* O centro era uma quinta estação de dezoito dias que começava nove dias antes do solstício de inverno e terminava nove dias depois.

Tomando-se cada nota a sua vez como novo tom, geram-se os cinco modos principais:

modo Kung	ré	mi	fá#	lá	si	centro
modo Shang	mi	fá#	lá	si	si	outono
modo Chio	fá#	lá	si	ré	mi	primavera
modo Chih	lá	si	mi	fá#	lá	verão
modo Yü	si	ré	mi	fá#	lá	inverno

Cada modo corresponde a uma estação e é tocado durante essa estação.

Figura 3: MC CLELLAN, Randall “O Poder Terapêutico da Música”1994:135.



Diante da imagem acima toda vez que cantamos, sintonizamos a nossa alma, e vibramos numa relação numérica extremamente exata, e nos relacionamos assim com o todo, planeta e universo.

Como fazemos isto?

“A música é presença quase pura, presentidade como está presente, capaz de estreitar o fosso que separa o percepto do percipuum, produzindo uma fusão entre ambos. O som físico que está lá, fora de Mim, é sentido como se estivesse brotando aqui dentro, o físico e o sensível se unindo em uma imediaticidade iridescente, volátil, instável, movendo-se no passo da vida.” (O som no domínio do quali-signo icônico, remático – Lucia Santaella – 2001:109)

Desta forma podemos perceber a importante do sentir em nós, de como este conduz nosso caminhar, nosso próprio ritmo em uma leitura biológica de ser.

“Em suma, há ritmos sonoros que apresentam correspondência com os ritmos biológicos que acompanham diferentes estados de sentir. Desse modo, os rótulos culturais de emoção que costumamos colar a certos tipos de música não inteiramente arbitrários, mas têm seus vínculos de motivação nas similaridades entre a música e as pulsações biológicas”. (Santaella, 2001:82, 83)

No quadro abaixo, podemos ter bem delineado essa presentidade do vocabulário de Peirce, onde temos o foco simplesmente uma qualidade do sentir, e a cada som tocado vamos alimentar e integrar essa qualidade citada.

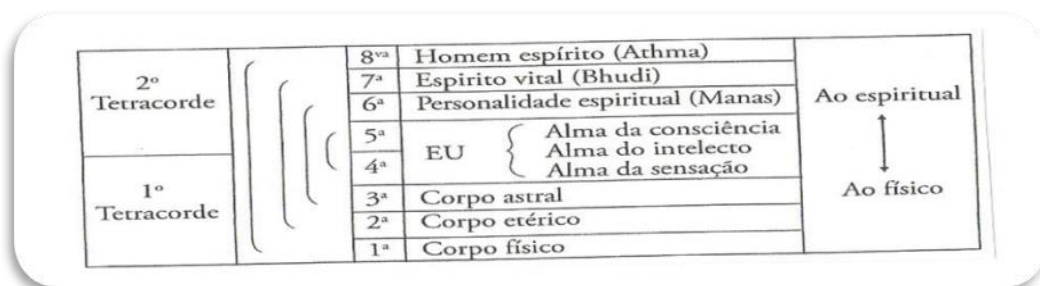


Figura 4: PETRAGLIA, Marcelo S. “A música e sua relação com o ser humano” 2010: 79)

Analisemos então, nesta obra abaixo, a harmonização da escala descendente de D(ré) - B(si) – A (lá) – G(sol) - E (mi) por quatro tempos, na primeira pauta e na segunda vamos ter ela ascendente de E(mi) – G(sol) – B(si) - A(lá) por quatro tempos sucessivamente.

“Por se tratar de uma classificação que tem por objeto a audição da música, voltada, portanto, para os processos de recepção, sua fundamentação se encontra nos diferentes níveis do interpretante por Peirce.” (Santaella, cap III. 2001:82).



2

Figura 5: BETTI, Flávia “Cantarolã” 2009:21.

O âmbito da 5ª e o tom solar, apresentada logo abaixo.

Segundo Flávia Betti:

“Já vimos anteriormente que o intervalo de 5ª atua na formação e manutenção do pulmão e suas funções. Se juntarmos à respiração a vida da nossa alma, veremos que temos um processo de contração e expansão não só no nível físico, mas no anímico (sentido da alma) também.” (BETTI; Flávia, “Cantarolã” -2009: 31).



Figura 6: BETTI, Flávia “Cantarolã” 2009:34.

Na obra acima temos outras sequências musicais que são as seguintes: A(lá) – B(si) – A(lá) – G(sol) – A(lá), seguindo com a de A(lá) – G(sol) – E(mi) – G(sol) – A(lá), sendo assim a 1ª frase musical, 2ª frase musical A(lá)- B(si) – A(lá) – G(sol) - A(lá) , na sequência A(lá) – B(si) – D(ré) – E(mi), 3ª frase musical inicia com A(lá) – B(si) – A(lá) – G(sol) – A(lá), na sequência A(lá) – G(sol) – E(mi) – D(ré) – A(lá), buscando está harmonização agora com o seu pulsar interno.

A seguir Marcelo Petraglia traz outro aspecto de suma importância, os intervalos musicais revelam qualidades anímicas, do mesmo modo que as relações



rítmicas e de tempo. Na tabela abaixo uma tentativa de caracterização dessas qualidades:

Eu aceito austeramente o caminho para o movimento interior.	2ª maior Uma leve tensão, que, se sustentada, leva a um estado de abertura e desprendimento.	Algo se põe em movimento. Sonambulamente me movo. Fluo como a água de um riacho. Como uma criança explorando seus primeiros movimentos.
Assumo a mim mesmo com uma certa dramaticidade.	3ª maior Sinto o bem estar e o aconchego do meu corpo. Ele me sustenta e permite que minha alma desfrute o mundo.	Minha alma se preenche com luz e impõe-se sobre a corporalidade.
Encontro um apoio seguro para meus pés.	5ª justa Vivencio harmoniosamente o limite entre o meu ser e o mundo.	Eu me abro para o mundo circundante, como quem abre a janela para um belo dia de sol e inspira profundamente.
Com benevolência calorosa envolvo o que está abaixo de mim.	6ª maior Um casamento harmonioso e mágico entre céu e terra. Masculino e feminino em sintonia.	Conquisto o espaço superior do meu ser e me banho na sua luz.
Grande arco de força, como alguém que resiste bravamente à força da gravidade.	7ª maior O quase insuportável desejo de resolução. Não há como voltar, a atração da tônica faz-se sentir com poderosa intensidade. Umbral.	Minha alma se dilata ao máximo, quase ao ponto de rasgar-se.

Figura 7: PETRAGLIA, Marcelo S. “A música e sua relação com o ser humano” 2010: 77,78 - resumo apenas das notas da escala de quinta.

E como já citamos este é o caminho escalar, o da pentatônica, que percorremos durante o primeiro setênio, ou seja, o âmbito da 5ª é um gesto de alma, uma postura, uma maneira inteiramente nova de estar com uma criança. Naquele momento, “eu estou” com ela, dou-lhe o mais precioso presente minha presença, minha atenção. Uma presença firme e amorosa que sabe o que é melhor para ela e lhe dá segurança. Deste modo a prática instrumental e musical se torna atuante.

5. Resultados:

Diante do exposto, fica marcante a influência que a música pentatônica poderá propiciar às crianças de 04 a 06 anos, em seu processo de aprendizagem e na atuação como interpretes emocionais.



Oferecer o processo da música pentatônica é oferecer uma nova ferramenta, abrindo novas possibilidades para alunos e professores, trazendo com isso melhor relacionamento interpessoal em um caminho aberto ao desenvolvimento da sensibilização, da autodescoberta e do autoconhecimento, diante do contexto da velocidade social atual.

Que possamos trazer com respostas e citações apresentadas alguma luz aos que refletem sobre processos híbridos em convergência com a arte e o processo de aprendizagem musical de forma terapêutica nesta faixa etária citada.



6. Referências:

DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. Aulas de Semiótica Peirceana. 1ª edição. São Paulo. Annablume, 2013.

PETRAGLIA, Marcelo S. A Música e sua relação com o ser humano. 1ª edição. Botucatu. OuvirAtivo – música para o desenvolvimento humano, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada. 4ª edição. São Paulo. Pioneira Thomson Leaning, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento – sonora visual e verbal. São Paulo. Editora Iluminuras. 2001.

BETTI, Flávia. Cantarolã. 1ª edição, [s.n.], 2009.

BRONDNITZ, Nico. Educação Terapêutica e Terapia Social com base na Antroposofia. Disponível em: www.sab.org.br/pedag-cur/. Acesso em 20.05.2012.

FRIEDENREICH, Carl Albert. A educação musical na escola Waldorf: Sugestões para o ensino. Tradução de Edith Asbeck. São Paulo: Antroposófica, 1990.

LANZ, Rudolf. 1915. Noções básicas de Antroposofia. 4ª edição. São Paulo: Antroposófica, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RANDALL, McClellan. O Poder Terapêutico da Música. Tradução de Tomás Rosa Bueno. Ed. Siciliano, São Paulo, 1994.

MACHADO, Mariana. O Kântele e a crianças de seis anos. Artigo para conclusão da formação Antropomúsica. Disponível em: www.ouvirativo.com.br/mp7/pdf/txam_Mariana.pdf. Acesso em 18.03.2012.

HEYDEBRAND, Carolina von. A Natureza Anímica da Criança: tradução de Rudolf Lanz. 2. Ed.rev. Editora Antroposófica Ltda, São Paulo, 1991 – reimpressão 2009.

DAVIS, Curtis V. e Yehudi Menuhin. A música do Homem. São Paulo, Liv, Martins fontes, 1990.

DICIONARIO GROVE DE MUSICA. Edição concisa/ Editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.